

As aprendizagens e práticas musicais no Festival de Música Estudantil de Guarulhos

MUSICAL PRACTICES AND LEARNING AT THE STUDENT MUSIC FESTIVAL IN GUARULHOS

VANIA MALAGUTTI FIALHO Universidade Estadual de Maringá (UEM) ▶ vaniamalagutti@hotmail.com

resumo

Este artigo trata dos resultados de uma pesquisa de doutorado que buscou compreender as aprendizagens e práticas musicais presentes e desencadeadas no e pelo Festival de Música Estudantil de Guarulhos. Promovido pela Secretaria de Cultura do município, o Festival envolveu gestores municipais, professores e, especialmente, 23 grupos musicais formados por jovens estudantes. Orientada pela abordagem qualitativa e tendo como método o estudo de caso, a pesquisa investigou como o Festival abarcou, promoveu e mobilizou as práticas músico-sociais dos envolvidos. Os resultados permitem a compreensão de aspectos como a dinâmica, a estrutura e o potencial músico-pedagógico imbuídos nesse tipo de evento. O Festival alavancou a prática musical de vários jovens e modificou o cenário escolar a partir do engajamento de estudantes e professores com composições, organização de bandas e apresentações musicais. Os dados mostram que o Festival extrapolou o espaço e o calendário formalmente estabelecido pelos organizadores, contemplando a vida e a música de seus participantes.

PALAVRAS CHAVE: festival de música estudantil, práticas musicais na escola, jovens.

abstract

This article is about the results of a doctoral research aimed at understanding the learning and musical practices triggered in and by the student music festival in Guarulhos. This event was organized by the Municipal Department of Culture involving teachers, school and municipal managers and, especially, twenty-three music groups formed by young students. Guided by qualitative approach and had as an investigative method, the case study, the research investigated how the Festival has embraced, promoted and mobilized the musician-social practices of those involved. The resulting data allow the understanding of aspects such as the dynamics, structure, and the music and educational potential present in this kind of event. The festival boosted the music practice of several young students, changing the school setting from the commitment of students and teachers in composing, forming groups, and the music performances. The results show that the festival went beyond the space and schedule the organizers had formally established – by contemplating its participants' life and music.

KEYWORDS: Student music festival, music practices in the school, youth.

introdução

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de doutorado que buscou compreender as aprendizagens e práticas musicais presentes no Festival de Música Estudantil de Guarulhos (São Paulo), promovido em 2011 pela Secretaria Municipal de Cultura. Os festivais de música estudantil são eventos que têm como foco as produções musicais de estudantes. Comumente, são realizados pelos setores que envolvem a Educação e/ou Cultura, tais como Secretarias e/ou instituições de ensino públicas ou privadas dos diferentes níveis da Educação Básica e/ou Ensino Superior.

Para Getz (2010, p. 7), os “festivais são celebrações culturais” que incorporam “uma experiência intelectual, comportamental e emocional”. Segundo ele, os festivais são “temporais”, ocorrendo em dias ou semanas definidos. Eles são considerados eventos especiais porque nunca são repetidos, mesmo que sejam feitos com o mesmo tema e estrutura. Embora único, um evento possui algumas características que o identifica, tais como ser aberto ao público; ter como meta a celebração ou demonstração de alguma coisa; possuir uma data de início e uma data de fim – localizando-o temporalmente; ter uma programação, que pode conter diversas atividades; e oferecer uma “experiência em si” aos seus participantes (GETZ, 2005, 2010).

O interesse do campo de educação musical por festivais de música estudantil data da primeira metade do século XX. Há diversas publicações/informativos no *Music Educators Journal* das décadas de 1930 e 1940 relativas às competições musicais de bandas, corais e orquestras vinculadas às escolas americanas, como o texto de Coolbaugh (1938) que relata os avanços no Festival de Wyoming, um estado norte americano; e o artigo de Milton (1945) que discute os festivais de música afirmando que eles criam demandas no currículo escolar e ajudam a justificar o ensino de música na escola.

No periódico *Music Educators Journal* há duas publicações de Philip Cory, professor de música na University of North Dakota, em Grand Forks, sobre uma *survey* que buscou compreender a constituição dos festivais de música estudantil competitivos e dos não competitivos (CORY, 1951a e 1951b). Nesse mesmo periódico, Gregory C. Fox publicou, em 1990, um artigo sugerindo encaminhamentos e etapas para a organização de um Festival de Música. Um dos aspectos destacados por ele diz respeito aos critérios avaliados, que variam de acordo com a modalidade do evento (instrumental, coral, bandas).

Os estudos que abordam os festivais de música estudantil são enfáticos em afirmar o potencial educativo-musical destes eventos. Burton (1992) indica este tipo de evento como uma possibilidade para a aula de música na perspectiva multicultural nos programas de educação musical escolar. Em abordagem semelhante, Akuno (2012) aponta o festival de música estudantil como uma importante ação escolar no Quênia, África. Segundo a autora, os professores de música fazem seus planejamentos a partir das demandas desencadeadas pelo festival, desenvolvendo aulas que contemplem a composição musical, adaptações e arranjos da música tradicional para grupos instrumentais e vocais, dentre outros conteúdos. Há uma retroalimentação entre o festival de música e as aulas de música que movimenta a comunidade escolar e o evento como um todo.

1. A pesquisa foi parte do doutorado em música/educação musical desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação da Profa Dra Jusamara Souza.

Para Karlsen (2011), o festival de música pode ser entendido como “uma arena de aprendizagem musical” e um projeto de educação musical. Esta autora faz uma analogia do festival com o sistema formal de ensino, considerando o diretor e a organização do festival como professores, o público como os estudantes e os programas do festival como o currículo educacional (KARLSEN, 2011, p. 198). Karlsen (2011) afirma que a organização do evento tem uma autoridade educacional. Em sua tese, ela defende que a aprendizagem – e não o conhecimento – se dá a partir das relações entre as pessoas, as atividades e o mundo. Dessa forma, a aprendizagem ocorre o tempo todo, em todas as situações, de modo que o festival se constitui em um espaço de aprendizagem musical para seus participantes.

Para este estudo, focalizei o Festival de Música Estudantil de Guarulhos partindo do pressuposto de que sua dinâmica e funcionamento potencializam aprendizagens musicais para os envolvidos – estudantes, organizadores, público. Tomei-o como uma ação criada a partir de uma política pública cultural, que pode congrega e remodelar práticas culturais no âmbito da música. Por política pública cultural, ancorei-me no conceito de Calabre (2009), que a define como ações implementadas a partir da articulação do poder público, das instituições civis, das entidades privadas e dos grupos comunitários com o objetivo de atender a um conjunto da população no que se refere às necessidades culturais. Por práticas culturais, referi-me a “todo tipo de comportamento cotidiano, toda ação que faz parte da rotina dos indivíduos ou dos grupos, toda prática que, compondo o dia-a-dia de cada um, explicita um **modo de ser e fazer** dos agrupamentos humanos” (SETTON, 2010, p. 21).

O Festival de Música Estudantil de Guarulhos envolveu jovens estudantes, a escola, a família e o poder público municipal. Nesse complexo, a pesquisa investigou como o Festival abarcou, promoveu e mobilizou as práticas músico-sociais dos envolvidos. As questões que guiaram o estudo foram: (1) Que práticas musicais juvenis aparecem no evento? Como aparecem? (2) Que ações músico-pedagógicas o Festival pôde mobilizar nos jovens participantes? E na escola, como isso ocorreu? (3) Em que medida a escola e os jovens participantes interferiram nas decisões e dinâmica do Festival?

A pesquisa foi orientada pela abordagem qualitativa (FOLLARI, 2008) e teve como método investigativo o estudo de caso (MARTINS, 2008; VENTURA, 2007; ALVES MAZZOTTI, 2006). O trabalho de campo se deu entre os meses de outubro de 2011 e junho de 2012 e os dados construídos constituíram-se em: 1) notas de campo; 2) observações com registros fotográficos e em audiovisual das diferentes etapas do evento; 3) documentos e reportagens relativas ao Festival, e 4) entrevistas semiestruturadas com membros da equipe organizadora, jurados, professores das escolas estaduais finalistas do evento e jovens estudantes que participaram do Festival.

sobre o festival de música de guarulhos

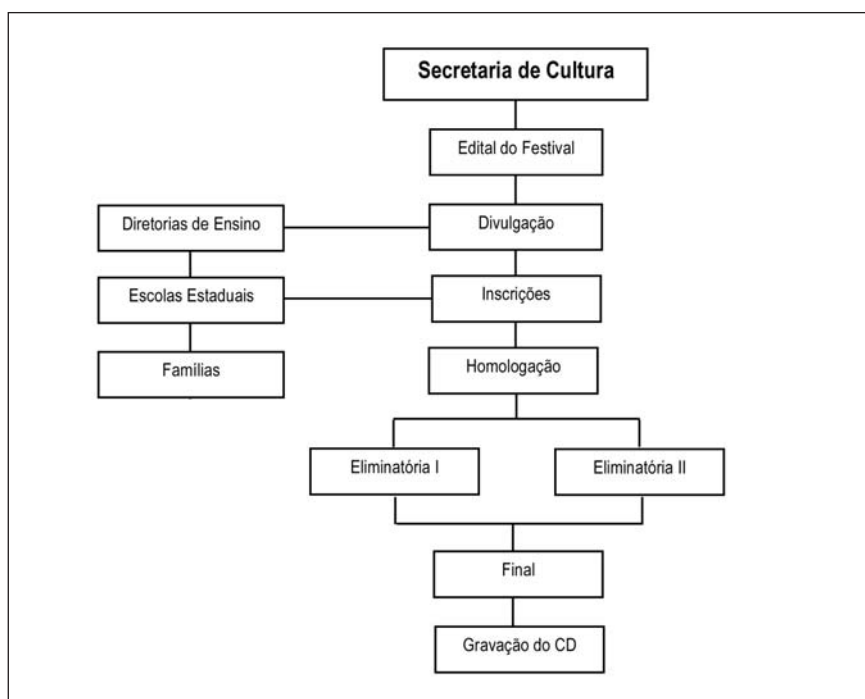
O Festival de Música Estudantil de Guarulhos teve caráter competitivo e envolveu instituições de ensino, especialmente as escolas estaduais, dando visibilidade às suas ações músico-pedagógicas. O evento envolveu gestores municipais, professores, gestores escolares e, especialmente, jovens estudantes das séries finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior.

Para a participação dos estudantes no Festival² os candidatos seguiram as exigências do

edital elaborado pela Secretaria de Cultura de Guarulhos, que em linhas gerais consistiram em os jovens participantes terem idade mínima de 14 anos, terem composição musical própria, apresentarem documentos que comprovavam autorização da escola e dos pais, no caso dos candidatos menores de 18 anos. O processo para participação se deu por meio de inscrições na Secretaria de Cultura, com o preenchimento da ficha de inscrição, apresentação de documentos comprobatórios, além de letra e gravação da música a ser apresentada. O Festival contou com vinte e três (23) inscrições homologadas³, sendo cinco (5) provenientes de instituições de nível superior (faculdades e universidades) e dezoito (18) de escolas estaduais.

A rede de Escolas Estaduais de Guarulhos é composta por 174 escolas que estão divididas e vinculadas a duas Diretorias de Ensino, Sul e Norte⁴, sendo oitenta e sete (87) na Diretoria Sul e oitenta e sete (87) na Diretoria Norte. As Diretorias de Ensino são órgãos da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

As apresentações musicais do Festival foram organizadas em duas fases eliminatórias que ocorreram respectivamente nos teatros municipais Adamastor e Padre Bento, e uma final no teatro Adamastor. Em cada eliminatória foram classificadas cinco músicas, que se apresentaram e concorreram entre si na etapa final do evento. A classificação ficou sob a responsabilidade



QUADRO 1

*Estrutura do Festival
de Música Estudantil
de Guarulhos*

2. "Festival" escrito com letra maiúscula refere-se ao Festival de Música Estudantil de Guarulhos, e, com letra minúscula de forma genuína.

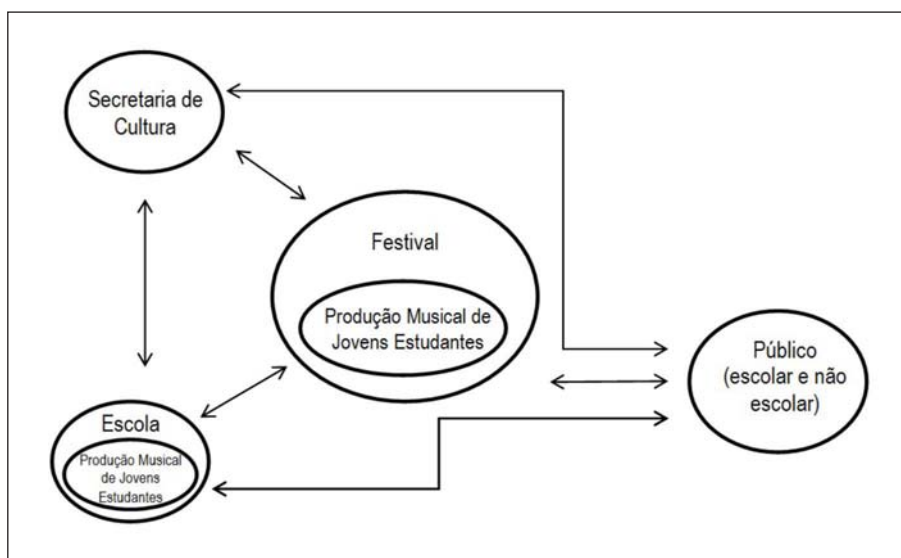
3. A organização do evento recebeu 32 inscrições; porém, 9 delas infringiam uma ou mais cláusulas do edital, o que não permitiu a homologação.

4. <http://deguarulhossul.edunet.sp.gov.br/relacao.htm>; <http://www.guarulhosnorte.com/unidades/estaduais.pdf> (acesso em 01 de março de 2014).

de quatro jurados que, de acordo com o edital, deveriam considerar e avaliar quatro itens: música, letra, interpretação e performance. A classificação das músicas obtidas nas eliminatórias foi desconsiderada na final, quando todas as dez músicas tinham a mesma oportunidade de conseguir o primeiro lugar. A premiação prometida foi a gravação de um CD com as dez músicas classificadas e a gravação de um clipe para a música vencedora. Classificaram-se nove músicas de escolas estaduais e uma de instituição de ensino superior. Para a pesquisa foquei os jovens vinculados as nove escolas estaduais finalistas.

Um dos aspectos que chamou atenção neste Festival foi a abertura para os diferentes gêneros e estilos musicais. Não houve restrições para a composição do grupo, número de integrantes e tipos de instrumentos, nem para estilos/gêneros musicais, o que resultou em uma variedade significativa de jeitos e formas de tocar e cantar. Entre os gêneros musicais apresentados no evento foram identificados o rap, o pop rock, o gospel, o metal, o sertanejo e o pop romântico⁵.

Para a pesquisa, o Festival de Música Estudantil de Guarulhos foi analisado como um evento que sistematizou um regulamento próprio, reservou e preparou os locais para as apresentações musicais e instituiu diversas diretrizes que estavam acoplados à sua organização. Nessa instituição, o Festival indicou uma maneira de aproximação da Secretaria de Cultura (que o promoveu), da escola e do público (que também é formado pela escola, que assistiu às apresentações musicais) com a música produzida pelos jovens estudantes. Esta aproximação não foi unilateral. Ao contrário, ela se concretizou porque os jovens estudantes também se mobilizaram para participar do evento. Dessa forma, as relações estabelecidas geraram uma rede, na qual os estudantes se aproximaram do Festival, da escola (enquanto uma instituição de ensino) e, mais tarde, do público (durante as apresentações musicais). A escola, por sua vez, aproximou-se dos estudantes, da Secretaria de Cultura/Festival e do público. E o público também compôs o complexo que o Festival desencadeou, relacionando-se com os envolvidos, conforme ilustro no quadro a seguir:



QUADRO 2
Complexo Festival-
Escola-Público-Festival

5. Essas classificações foram feitas pelos próprios músicos participantes do Festival. Algumas músicas apresentadas são híbridas em seu estilo, de modo que poderiam ser consideradas de outros estilos/gêneros.

Para o campo da educação musical, o interesse da pesquisa esteve nas relações músico-pedagógicas que se estabeleceram no âmbito, no entorno e a partir do Festival, e nas experiências de ensino e de aprendizagens musicais decorrentes das práticas musicais presentes e desencadeadas no/pelo complexo Festival-escola/jovens estudantes-público.

principais resultados

Ações músico-pedagógicas desencadeadas nas escolas e no/pelo Festival

A partir das entrevistas realizadas com o coordenador geral do Festival, Marcos Stopa, e com os demais membros da equipe organizadora, ficaram claros dois principais objetivos do evento. Um, relacionado a aspectos gerais da Secretaria de Cultura, qual seja a ocupação dos teatros municipais pelos jovens estudantes, democratizando, assim, “o acesso à produção cultural” (Stopa, coordenador geral do Festival). E outro, específico do Festival, que buscava promover a música na escola, buscando a “valorização da produção musical estudantil” (Stopa).

Esses objetivos repercutiram nas escolas provocando uma movimentação de professores e alunos em prol da música e do Festival. Essa repercussão se traduziu de diversas maneiras. Uma das primeiras foi a contribuição do evento para que bandas e grupos musicais fossem formadas/os ou ativadas/os, ou ainda reorganizadas/os. Isso demandou um envolvimento tanto dos estudantes quanto dos professores. Um exemplo foi a transferência de uma aluna de uma escola para outra. Isso ocorreu com Yara, da Banda Serenata, que para se enquadrar no edital que exigia o mínimo de 50% dos participantes da banda da escola representada, transferiu-se de escola, como contou o professor Fernando:

Tive que transferir alguns alunos de outra escola pra cá, aí a maioria dos alunos ficou sendo dessa escola, e a gente se enquadrou dentro do perfil que exigia o edital deles. [...] Porque a nossa escola teria mais de 50% [dos integrantes da banda] e eu e poderia tá correndo atrás, participando das reuniões... (Professor Fernando, vice-diretor da Escola Estadual Jurema III)

O desejo dos jovens estudantes de participar do evento levou, em algumas escolas, a inscrição de mais de uma música para o festival. Isso exigiu uma seleção interna, pois cada escola poderia participar somente com uma música. Em cinco escolas, finalistas do evento, foi necessária uma seleção prévia, realizada pelos professores. Por isso, houve candidatos que não foram selecionados para o Festival, como Michel, da Escola Estadual Bruno Aguiar, para quem o evento foi um elemento motivador para iniciar o estudo do violão:

Michel: O professor Nelson veio com essa ideia de Festival e aí eu comecei a me dedicar. Arranjei um jeito de comprar um violão pra mim, comecei a fazer aula. Fiz dois meses de aula de violão e aí comecei a tentar a tirar cifras e compor uma música. A música não ficou tão boa assim, mas tentei.

Vania: Isso especificamente para participar do Festival?

Michel: É, específico para o Festival. Só que daí não deu porque eu ia tocar no violão e eu só tinha dois meses de experiência tocando.

Vania: E você continua estudando?

Michel: Continuo. Agora tô tirando e tocando mais músicas. Pegando na internet... pra fazer mais músicas e não ficar parado, pra participar do próximo festival.

Este depoimento mostra como o Festival pode contribuir para iniciativas musicais, despertando os jovens para a prática musical. O evento alavancou o desejo de Michel de ser músico e otimizou aquele momento para uma experiência com a música. Em apenas dois meses Michel pôde tocar violão, compor músicas, gravar e se inscrever para o Festival. O convite do professor Nelson para tocar no Festival surgiu como um elemento determinante para seus estudos. O fato de continuar tocando, mesmo sem ter sido selecionado para o evento, indica que o Festival o despertou para fazer música. A fala de Michel mostra que o Festival não mobilizou somente seus participantes, mas também – e talvez em maior profundidade – os candidatos a ele.

Outro exemplo da movimentação que o Festival provocou na escola foi com relação a forma como a música começou a ser organizada e a estar presente na escola, como por exemplo as rodas de música nos intervalos e as composições musicais desenvolvidas “na hora”, em sala de aula: “ah, estavam falando que a gente tinha que ter música própria pro Festival, aí eu fiz umas três [músicas] lá na sala, lá na hora... Aí eu entreguei [sic] pro pessoal pra eles escolher qual eles achava [sic] melhor e eles escolheram essa”, contou William da Banda Fulano de Tal, referindo-se à música *Destiny*, uma das finalistas do evento. Outro aspecto foi a aquisição de instrumentos musicais, uma parceria de professores e estudantes, inclusive com investimentos financeiros pessoais, como relatou a professora Denise: “na questão do carrilhão, não foi com verba da escola. Eu corri atrás [...] Mas valeu a pena. Isso pra mim foi muito bom”.

O Festival também desencadeou a realização de festivais não competitivos nas escolas, como ocorreu na Escola Estadual Hugo de Aguiar. Esses eventos tiveram duas funções. A primeira foi valorizar os jovens que se candidataram ao Festival e não foram selecionados para mostrar sua música e, a segunda, foi construir um espaço para a banda selecionada ter a experiência de subir ao palco antes de concorrer com outras bandas no Festival de Música Estudantil de Guarulhos. Como afirmou professor Nelson, um dos entrevistados, “foi uma forma de fazer com que nossos alunos se apresentassem para o público, antes de se apresentarem para os jurados”.

Os organizadores do Festival também se movimentaram na promoção de ações – inicialmente não previstas – para atender às demandas que foram surgindo conforme o evento foi se desenvolvendo. Uma dessas ações foi a oficina de produção, destinada aos inscritos no evento, que teve como objetivo, de acordo com Stopa, tratar “de coisas simples”, mas importantes para a vida do músico. Dentre os temas abordados esteve como seria o expediente das apresentações (afinação dos instrumentos, aquecimento, passagem de som) e informações sobre a estrutura de som e de palco que os participantes teriam. Na oficina de produção também foram colocadas em pauta as músicas que estavam usando *playbacks*, pois já na inscrição das músicas para o evento a organização se percebeu que algumas não contavam com instrumentistas ao vivo. Estas inscrições foram acatadas, mas, por ocasião da oficina, os organizadores resolveram solicitar que os participantes providenciassem o acompanhamento ao vivo para as apresentações musicais. Essa situação provocou revolta em alguns estudantes e professores. Eles argumentaram que no edital não constava tal exigência e entendiam que em um festival de música estudantil é necessário o acolhimento da música que o estudante faz, e vários fazem uso de *playback*. Como resultado, alguns jovens providenciaram banda e outros não. Diante da situação, Stopa como coordenador geral do evento “flexibilizou” essa exigência. Segundo ele, inicialmente havia a expectativa de “várias bandas”, porém, o baixo número de inscritos – em relação ao esperado – levou a organização a rever este aspecto:

entre os participantes: “quando a gente toca, você tem contato com muitas bandas e acaba conversando. E as bandas, acabam falando pra você o que tem que fazer, como é que é, o que tá acontecendo e assim a gente vai aprendendo”.

A plateia foi a outra parte das apresentações musicais. Ela foi composta pelos colegas de escola, professores, colegas da igreja e familiares. Torcer por essa ou aquela música exigiu esforços e dedicação dos torcedores, que viabilizaram faixas, camisetas, pompons e outros apetrechos que indicavam a música e o grupo para os quais estavam torcendo.

A organização do evento estimou que cerca de 70% da plateia – a maioria composta de estudantes – nunca tinham estado naqueles teatros antes. A estimativa foi feita em um dos intervalos, entre uma música e outra, quando Stopa pediu que erguessem a mão aqueles que nunca estiveram antes nos Teatros Adamastor e/ou Padre Bento: “Quando se perguntou quem nunca tinha estado no Adamastor e quase 70% levantou a mão...! Uma coisa assim que você olha: ‘poxa vida, que legal!’ Então veio pro Adamastor, veio pra assistir o colega, pra assistir uma banda, conhecer o Festival!” (Professor Fábio Bonvenuto, um dos jurados do evento).

Ter os teatros lotados e com um número significativo de público que nunca estivera antes em espaços como aqueles foi um dos aspectos que levou Stopa a concluir que o Festival teve “êxito”. Em suas palavras, o Festival “propiciou que as pessoas conhecessem espaços públicos de cultura e, de certa forma, conseguissem exercer seu direito cultural. Na gestão cultural essa é a principal diretriz: exercer o direito cultural” (Stopa). Como diretor de cultura naquela ocasião, Stopa analisou o reflexo do evento não somente para os jovens participantes, mas também para com a comunidade guarulhense.

Ao final de cada uma das apresentações musicais havia uma grande expectativa para com o resultado da classificação das músicas, que podia garantir uma faixa no CD prometido como premiação aos finalistas. Estar na final do evento teve efeito no fazer musical dos participantes, bem como na comunidade escolar e no núcleo familiar. Isso porque, na medida em que os estudantes estavam classificados para a final, a participação no evento passava a ser valorada como uma atividade musical que poderia, por exemplo, abrir caminhos para uma carreira de músicos e, com isso, eles começavam a serem ouvidos, considerados e aplaudidos. Lucas, da Banda B Over, declarou que “mudou muita coisa na escola” após a eliminatória que garantiu sua participação no CD do evento.

Na avaliação das músicas, embora os jurados tivessem alguns itens a considerar – conforme previsto no edital – eles compreenderam a produção musical apresentada no evento para além das questões técnicas e performáticas. Eles consideraram que mais importante que o domínio que os participantes tinham de música era o que eles davam conta por meio da música.

Na avaliação das músicas, as notas atribuídas pelos jurados garantiram que a música vencedora fosse “Mundo Real”, um rap do grupo Liberdade de Expressão. O resultado surpreendeu a muitos e, inclusive, fez com que a banda Soul Livre, que ficou com o 2º lugar, entrasse com um recurso solicitando que a classificação final das músicas fosse revisada. Isso ocorreu porque a Soul Livre julgava que o rap apresentado não era uma música inédita, como exigia o edital, mas um plágio, logo que o grupo de rap usou como acompanhamento instrumental a base da música Nego Drama, do grupo de rap Racionais MC's. Para julgar o recurso, a Secretária de Cultura instituiu uma comissão. A comissão estudou sobre o rap e suas especificidades, consultaram os rappers, o compositor da música Nego Drama, e concluiu que deveria manter o resultado, pois no rap o uso de bases instrumentais prontas é corrente.

A abertura do evento às diversas estéticas musicais permitiu que um rap fosse o vencedor, indicando que o Festival abarcou a produção musical dos estudantes, reconsiderando, por exemplo, o uso de *playback*. A organização considerou a forma como os jovens produziam suas músicas, valorizando o conhecimento musical que dispunham. Assim, o Festival acatou todas as inscrições que atenderam às exigências do edital. Isso fez com que houvesse uma variedade não somente de gêneros musicais, mas também de níveis de conhecimentos musicais, revelando a heterogeneidade presente na escola.

A etapa da gravação do CD também mostrou como o Festival mobilizou e desencadeou aprendizagens e práticas musicais na vida dos participantes. Esse foi, talvez, o momento mais esperado pelos jovens estudantes. Eles sonhavam em ter uma música gravada e isso representava, segundo eles, uma ascensão na carreira musical. No estúdio, Armando Leite, que foi contratado para fazer a produção o CD, interferiu em algumas canções, instruindo os jovens estudantes tanto no uso dos instrumentos como com sugestões de modificações nas músicas, além de apresentar a eles conceitos musicais, como modulação. Wilker, um dos integrantes da Banda Soul Livre, afirmou:

A gente aprendeu junto com o Festival, com o Armando, a estrutura de uma música, o que ela precisa ter, o tamanho de uma introdução – que não pode ser gigantesca. [...] o solo – que precisa ter –, modulação, enfim, esses tipos de toques que ajuda. [...] No dia do estúdio ele passou muita dica pra gente, pra todos, né... principalmente pro baterista – que estava um pouco mais inseguro – pegada, como tocar em estúdio. (Wilker, Banda Soul Livre)

Os conhecimentos musicais adquiridos pela banda durante o Festival foram incorporados ao repertório da Banda Soul Livre: “agora a gente não consegue mais fazer música sem modulação” (Wilker, Banda Soul Livre). As intervenções e orientações que os jovens participantes receberam ao longo da gravação contribuíram para uma mudança em suas performances musicais, modificando o jeito de pensar e fazer suas músicas.

Essas situações apresentadas revelam que o Festival abarcou e promoveu as manifestações musicais dos estudantes. Isso indica que em um festival estudantil há uma pedagogia implícita, que favorece a construção de conhecimentos e converge em muitas aprendizagens. Essas ocorrências não são exatamente desdobramentos, mas são próprias do evento. Elas vão transbordando, saindo de sua borda e se espalhando nas práticas musicais, a partir de uma construção desenvolvida dia a dia ao longo do processo do evento, levando à risca o termo estudantil, que qualifica esse tipo de festival de música.

e o que ficou do festival?

Interessei-me pelo Festival de Música Estudantil de Guarulhos entendendo-o não somente como um evento demarcado pelas datas definidas em seu calendário de ações e com atrações musicais apresentadas em um teatro, mas vendo-o como uma ação que instituiu uma maneira de os jovens serem e fazerem música, considerando suas produções e práticas musicais e tendo como parte ativa desse processo a escola e a família, além de outras esferas sociais. Considerei o funcionamento e a dinâmica própria do Festival, onde a aprendizagem e a prática musical adquiriram um movimento – ou se movimentaram – dentro de uma lógica impressa pelo (e no) evento.

O fato, por exemplo, de o Festival não restringir a participação de um ou outro estilo/gênero musical indicou um entendimento amplo, por parte da organização, das estéticas musicais, respeitando-as nas suas diversas manifestações. Ao abrir um espaço para a participação da escola, os organizadores propuseram também a valorização – pela escola – da produção musical dos jovens estudantes. Dessa forma, eles provocaram a instituição de ensino e a mobilizou para uma prática cultural mediada pelo Festival – criando um espaço dialógico no qual uma instância se movimentou em direção a outra.

Outro aspecto considerado no Festival foi que sua constituição se fez nas bases de uma política pública cultural (CALABRE, 2009). Ele foi proposto e gerenciado pelo poder público, porém sua efetivação se deu pelas articulações construídas com outras esferas sociais, como a escola.

As ocorrências a partir do evento e sua própria constituição foram marcadas por um caráter volátil. As pessoas envolvidas – tanto na Secretaria de Cultura quanto nas escolas participantes – mudaram de função e isso alterou o andamento do Festival. Com relação aos jovens estudantes, muitas bandas se formaram e se desfizeram (após o evento) em função do Festival. Isso porque o vínculo entre os participantes esteve, em grande medida, relacionado à convivência escolar. A mudança de ano letivo, a troca de classe ou de escola alterou o funcionamento da banda ou grupo musical e muitos se desfizeram. Os grupos que se mantiveram para além do Festival indicaram ter vínculos com outras esferas sociais – para além da escola – como grupos ligados à igreja (como a Banda Soul Livre) ou à alguma instituição não governamental (como a Banda Dissonância). O fato de a maioria dos grupos se desfazerem não significa um aspecto ruim ou negativo. É uma especificidade desse tipo de evento e faz parte da constituição de um festival estudantil que, como o nome diz, é para o estudante, durante o tempo de estudo, vinculado às experiências escolares.

Assim, o caráter volátil do evento não o enfraquece. Sua importância na vida musical dos jovens e da escola tem desdobramentos que vão para além do recorte do tempo e do espaço que ele ocupa. Isso pode ser conferido, por exemplo, na vida de Michel, que estreitou sua relação com a música, comprando um violão e aprendendo tocar, com a intenção de participar do evento. Não fosse pelo Festival Estudantil, muitos jovens não teriam a oportunidade e a experiência musical vivida no e pelo evento.

O Festival alavancou a prática musical de vários de seus participantes, especialmente os que se engajaram em bandas e em práticas musicais em função do evento. Estes sentiram-se animados e estimulados a produzirem outras músicas, além de alimentarem sonhos relativos à carreira musical. Um exemplo é o Grupo Liberdade de Expressão, que embora tenha conquistado o 1º lugar no Festival, teve seu trajeto na música impulsionado pelo evento. Eles contaram que especialmente após a eliminatória começaram a compor outras músicas, registradas em um caderno. Fizeram letras de rap que, segundo afirmaram na entrevista, pretendiam ensaiar e apresentar na escola e em outros espaços.

O festival de música estudantil, portanto, tem uma especificidade que é a de se moldar à vida escolar e, ao mesmo tempo, moldá-la às demandas que vão se construindo na sua realização. No momento em que uma instituição de ensino decide participar de um festival, o evento começa a ser parte da escola e não somente das atividades de música, interferindo na dinâmica pedagógica e modificando o cenário estudantil.

finalizando

Até o término da pesquisa, a Secretaria de Cultura de Guarulhos não tinha previsão de outra edição do Festival. Isso se deve, em parte, à mudança na equipe da Secretaria de Cultura em função das eleições municipais de 2012. Além disso, o Festival não cumpriu com todos os itens prometidos no edital: não houve a premiação do Festival, embora o CD tenha sido gravado e a máster ficado pronta, não houve o lançamento e a entrega do CD aos finalistas, também não foi feita a gravação do clipe. Com isso, da mesma maneira que o Festival desencadeou sonhos e disposição nos estudantes de tocarem e cantarem, o não cumprimento do edital na íntegra, provocou ceticismo em relação às políticas culturais e, em vários jovens, também o desânimo para com a música. Alguns grupos e bandas que participaram do evento já têm novas configurações e outros já estão extintos. Contudo, os canais de comunicação que o Festival abriu para a música na vida dos jovens participantes e nas escolas alimentaram práticas musicais, desencadearam aprendizagens, nutrindo o sonho de uma carreira musical. A Secretaria de Cultura cumpriu um papel político e cultural promovendo a música dos estudantes e mobilizando a escola e muitas famílias a olhar para o que seus jovens fazem de música.

Embora o Festival de Música Estudantil de Guarulhos tivesse uma única edição, os dados que dele emergiram permitem a compreensão de aspectos como a dinâmica, a estrutura e o potencial músico-pedagógico imbuído em um festival de música estudantil. Essa investigação, portanto, revelou que os desdobramentos de um festival para os envolvidos vão muito além dos oficialmente regulamentados nos editais e nos documentos relativos a esse tipo evento, eles contribuem para a ampliação do entendimento do que é um Festival, vendo-o não somente como uma ação limitada às suas diferentes etapas, mas compreendendo-o como um evento que extrapola o espaço e o calendário, contemplando a vida de seus participantes.

referências

- AKUNO, E. A. Perceptions and reflections of music teacher education in Kenya. In: *International Journal of Music Education*. Maio de 2012. <<http://ijm.sagepub.com/content/30/3/272>>. Acesso em 2 de fevereiro de 2014.
- ALVES MAZZOTTI, A. J. Usos e abusos do estudo de caso. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 129, p. 637-651, 2006.
- BURTON, B. Multicultural Festivals: Extensions of General Music. In: *General Music Today*. 1992. <<http://gmt.sagepub.com/content/5/3/17.citation>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2014.
- CALABRE, L. *Políticas Culturais no Brasil: dos anos de 1930 ao século XXI*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- COOLBAUGH, B. D. Wyoming Music Festival Expands. In: *Music Educators Journal*. 1938. <<http://mej.sagepub.com/content/25/3/45.citation>>. Acesso em 30 de janeiro de 2014.
- CORY, P. B. School Competitive Music Festivals. In: *Music Educators Journal*. 1951a. < <http://mej.sagepub.com/content/37/4/38>>. Acesso em 10 de janeiro de 2014.
- _____. A Survey of Noncompetitive Music Festivals. In: *Music Educators Journal*. 1951b. < <http://mej.sagepub.com/content/37/5/34>>. Acesso em 10 de janeiro de 2014.
- FOLLARI, R. A. Problemas em torno da pesquisa qualitativa. In: BIANCHETTI, Lucídio; MEKSENAS, Paulo. *A trama do conhecimento*. Campinas: Papirus, 2008. 73-94.

FOX, G. C. Making Music Festivals Work. In: *Music Educators Journal*. 1990. <<http://mej.sagepub.com/content/76/7/59>>. Acesso em 15 de maio de 2013.

GETZ, D. The nature and scope of festival studies. *International Journal of Event Management Research*, v. 5, n. 1, 2010.

_____. *Event management e event tourism*. 2a edição. Pennsylvania State University: Cognizant Communication Corporation, 2005 [1997].

KARLSEN, S. *The music festival as an arena for learning: Festspel i Pite Älvdal and matters of identity*. Doctoral Thesis. University press, Luleå University of Technology, November 2007. <<http://epubl.ltu.se/1402-1544/2007/60/LTU-DT-0760-SE.pdf>>. Acesso em 10 de maio de 2012.

_____. Revisiting musical learning in the informal field. In: WRIGHT, Ruth. *Sociology and Music Education*. Burlington: Ashgate, 2011. 193-206.

MARTINS, G. A. Estudo de Caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil. RCO – *Revista de Contabilidade e Organizações*. FEARP/USP, v. 2, n. 2, 8-18, 2008.

MILTON, R. W. On School Music Contests and Festivals. In: *Music Educators Journal*. 1945. <<http://mej.sagepub.com/content/32/2/30.citation>>. Acesso em 10 de janeiro de 2014.

SETTON, M. G. J. Processos de socialização, práticas de cultura e legitimidade cultural. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v.15, n. 28, 19-35, 2010.

VENTURA, M. M. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. *Revista SOCERJ*. Rio de Janeiro, n. 20, v. 5, 383-386, 2007.

Recebido em
08/04/2014

Aprovado em
20/05/2014

Vania Malagutti Fialho, doutora em música/educação musical pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professora adjunta do Departamento de Música da Universidade Estadual de Maringá.
vaniamalagutti@hotmail.com